

Fernando Valls,
Sombras del tiempo.
Estudios sobre el
cuento español
contemporáneo
(1944-2015).
Madrid:
Iberoamericana;
Frankfurt am
Main: Vervuert.
2016. 716 p.

Antonio R. Esteves

Recebido em 20 de maio de 2016
Aceito em 4 de junho de 2016

Professor de Literaturas de Língua Espanhola da FCL-UNESP-Assis. Tradutor, crítico e ensaísta, publicou dezenas de artigos em revistas especializadas em diversos países e participou de eventos nacionais e internacionais. Entre outros livros, organizou juntamente com Magnólia B. B. Nascimento e Sílvia Cárcamo, o volume *Narrativa espanhola contemporânea: leituras (do lado de cá...)* (2012). Foi um dos vencedores do Prêmio Julia Mann de Literatura, com um conto publicado no livro *Entre dois mundos* (2001).

Contato:
aesteves26@uol.com.br

Antes de tudo, um alerta ao leitor: não se assuste com o número de páginas que tem diante dos olhos. Como qualquer obra de referência, o polpudo volume não foi feito para se ler de uma só vez, da primeira à última página. Ao modo do *Quijote* ou da *Rayuela*, pode ser lido em capítulos soltos, ao longo do tempo, pois como diz o título, de tempo se trata.

Começemos sua leitura, então, pelos paratextos (Genette *dixit*). Uma nota na última capa informa que o volume aborda quase todos os melhores livros e relatos que compõem a complexa história do conto espanhol dos últimos setenta anos, incluindo autores como Max Aub, Ignacio Aldecoa, Esther Tusquets, Juan Eduardo Zúñiga, José María Merino, Luis Mateo Díez, Cristina Fernández Cubas, Juan José Millás, Javier Marías, Eloy Tizón ou Ángel Zapata, entre outros. A leitura do livro comprovará que os “outros” são muitos mais. A nota conclui dizendo que se trata de um livro de “crítica viva” imprescindível para todos os interessados, leitores e críticos, no gênero.

Seu autor, Fernando Valls, professor de Literatura Espanhola da Universidad Autónoma de Barcelona, especialista em narrativa espanhola dos séculos XX e XXI, é certamente quem melhor conhece o tema, ao qual vem se dedicando há décadas. Além dos vários artigos, livros e antologias publicadas, cultiva o que se pode chamar de “crítica literária de atualidade” em diversas revistas. Sua dedicação a essa modalidade narrativa fez com que publicasse três antologias de contos: a primeira delas, em 1993, *Son cuentos. Antología del relato breve español, 1975-1993*. A segunda, juntamente com Juan Antonio Masoliver Ródenas, *Los cuentos que cuentan*, é de 1998. Mais recentemente (2010), organizou com Gemma Pellicer, *Siglo XXI. Los nuevos*

nombres del cuento español actual.

O volume está dividido em sete partes, mais o prólogo, uma nota com a procedência dos textos, uma ampla bibliografia e um precioso índice onomástico e conceitual. No “*Prólogo o las cartas boca arriba*”, o autor apresenta uma espécie de cartografia da obra. Merece destaque a epígrafe, que se associa ao título, um trânsito entre o poético e o enigmático: “*En plena luz no somos ni una sombra. / Las sombras: unas ocultan, otras descubren*”. São duas das “*Voces*”, do pensador, mais que poeta, ítalo-argentino Antonio Porchia (1885-1968) que denominava desse modo seus textos, aforismos que plenos de poesia eram filosofia. Trata-se de uma entrada genial para o universo dos relatos curtos que o autor tem pela frente.

Como o próprio Valls explicita, o título advém das primeiras palavras do texto “*Sombras del mundo. A propósito de una historia titulada ‘Mundo’*” (p. 397-405), no qual faz uma leitura desse relato de Cristina Fernández Cubas. Com linguagem empapada de poesia, o autor inicia sua análise com a frase “*Sombras del tempo, del mundo, suelen ser los relatos, reservas de múltiples sombras, proyección de impresiones y recuerdo, de otras vidas, soñadas o posibles [...]*”, (p. 397), que poderia ser um dos poemas-aforismo de Porchia, com o qual guarda parentesco. No texto seguinte, outra análise de um livro de Cristina Fernández Cubas, o autor afirma que os livros chamam a atenção do leitor primeiro pelo título e pelo desenho da capa (p. 407). São observações necessárias para compreender que o livro de Valls, apesar de sua aparente diversidade, não apenas está muito bem tramado, como está escrito em uma linguagem bem elaborada, plena da poeticidade e do mistério que em geral

habitam o gênero estudado.

No prólogo, Valls explica como articulou o livro, qual sua gênese, qual a origem dos textos. Ficamos sabendo, por exemplo, que ele segue a mesma estrutura de outra obra, de 2003, igualmente imprescindível para o estudioso da narrativa espanhola contemporânea: *La realidad inventada. Análisis crítico de la novela española actual*. Nesta ocasião, o volume, chamado pelo próprio autor de compêndio, está dedicado ao conto, gênero que a crítica, em geral, não tem dado a devida atenção, apesar de que vem sendo cultivado com constância e com bons frutos há quase um século. E o livro mostra isso de modo exemplar.

Ficamos sabendo, ademais, que o subtítulo do livro poderia ser “*De Max Aub a los narradores de hoy*”. De modo sutil, temos a homenagem a esse multifacetado escritor, considerado por Valls um dos mais importantes do exílio espanhol, ao lado de Francisco Ayala. A presença de Aub (1903-1972) é uma espécie de sombra que perpassa praticamente todo o livro, no qual ele aparece referido dezessete vezes, embora o texto dedicado a seus contos tenha apenas quatro páginas (p. 85-88).

Na vasta e híbrida obra de Aub, parece que os contos foram a parte mais difícil de reunir. Finalmente, os volumes *Escribir lo que imagino* e *Enero sin nombre*, ambos de 1994, reúnem sua variada narrativa curta. O primeiro recolhe os *Cuentos fantásticos y maravillosos* e o segundo recolhe os relatos completos de *Laberinto mágico*, que já era uma reunião de diversos livros de contos, publicados entre 1944 e 1965. O ano de 1944, a partir do qual arranca o recorte temporal escolhido por Valls, embora ele se refira ao longo

do livro a relatos publicados anteriormente, parece vir do ano de publicação de *No son cuentos*, de Aub, incluído no *Laberinto*. Do mesmo modo, de Max Aub também advém a expressão “crítica viva” com a qual Valls define sua atividade literária, como ele mesmo aponta no prólogo. (p.16).

Labirinto, crítica viva, Max Aub, são expressões que remetem à diversidade da obra de Valls, cujo ponto de confluência são as leituras de contos produzidos na literatura espanhola, e não apenas nas últimas sete décadas, por esse gênero proteico conhecido como conto, mas que no decorrer de sua história e ao longo do volume também recebe outras denominações como relato, narrativa, narrativa breve, história, ou mesmo “novela curta”.

Os textos reunidos no volume, designados pelo próprio autor como ensaios, artigos, notas, prólogos e resenhas, foram produzidos ao longo de mais de um quarto de século (1989-2015) e publicados em variados meios: jornais, revistas literárias, livros ou coletâneas de ensaios. A forma de abordagem e a extensão variam de acordo com os objetivos e com o meio em que foram publicados originalmente. O projeto que os une, no entanto, é bastante claro: estudar as particularidades e limites do gênero conto, suas possibilidades, fronteiras e hibridações com outros tipos de narrativas com os quais se assemelha.

O objetivo principal é chamar atenção do leitor para um gênero (os autores que o cultivam e suas obras) que, especialmente na literatura espanhola, muitas vezes foi visto com certo descaso, embora nunca tivesse deixado de ser lido. Nesse sentido, o público destinado, tanto pode ser o leitor comum, apaixonado pelo conto, quanto o estudioso. E pode-se dizer que a obra

cumpra plenamente seus objetivos.

A primeira das sete partes do livro, “*Generalidades*”, contém dois textos. Ambos tratam de definir o conto espanhol e traçar sua breve cartografia. O primeiro deles é “*De Ignacio Aldecoa a Andrés Neuman. Los zigzags de la historia reciente del cuento español*” (p. 23-30) e foi publicado originalmente em 2009. O auge do conto espanhol contemporâneo, segundo esse texto, começa nos anos 50 com o grupo do qual participa Ignacio Aldecoa (1925-1969), preponderando nesse período o realismo social. Os zigzagues a que se refere o escritor incluem vários momentos de trânsito do gênero, que entra em declínio entre meados dos anos sessenta e setenta, para voltar com toda força a partir dos anos oitenta, quando o centro deixa de ser o realismo. Surge então a modalidade fantástica, que proporciona uma visão mais sutil e complexa da realidade e traz marcas dos contistas hispano-americanos do *boom*, que sempre tiveram o conto como gênero de prestígio.

O texto cita mais de uma centena de contistas, praticamente todos os que fizeram parte, entre outras, de quatro significativas antologias: a *Antología de cuentistas españoles contemporáneos*, organizada por Francisco García Pavón em 1959; a do próprio Fernando Valls, *Son cuentos. Antología del relato breve español, 1975-1993*, de 1993; *Pequeñas resistencias. Antología del nuevo cuento español*, organizada pelo contista Andrés Neuman, em 2002 e, a mais recente, também organizada por Valls juntamente com Gemma Pellicer em 2010, *Siglo XXI. Los nuevos nombres del cuento español actual*.

O segundo texto da primeira parte, “*Sobre el cuento actual y algunos nombres nuevos*” (p. 31-56), publicado inicialmente como capítulo de livro,

em 2011, retoma praticamente o mesmo referencial do texto anterior. Por sua característica de texto acadêmico, no entanto, além de discutir temas e formas, se aprofunda na leitura de alguns contos de diversos daqueles autores apenas citados anteriormente.

Essa primeira parte, desse modo, representa uma espécie de amostra do que será o livro em sua totalidade: trabalho de historiografia literária, com o levantamento acurado de autores e obras, tendências de época, características das obras como um todo e, finalmente, análise de algumas obras dos autores citados.

A segunda parte do trabalho está dedicada a uma importante atividade associada ao conto, uma vez que exige leitura e seleção da produção: “*Antologías y colecciones*”. Como organizador de diversas dessas antologias, como as já referidas anteriormente, Valls reúne condições de resenhar com propriedade essas coleções de contos e relatos. Está formada por seis textos, todos com extensão média de quatro páginas, que tratam de seis antologias publicadas entre 1996 e 2013, com destaque especial para uma faceta do conto espanhol contemporâneo: os contos de autoria feminina. Duas delas tratam de obras de autoria feminina escritas na década de noventa e uma terceira se refere a uma coleção de relatos organizada pela escritora Ana María Moix.

Essas duas partes iniciais poderiam ser consideradas como uma espécie de introdução ao livro, que trata de definir o gênero, apresentar suas principais influências e manifestações, bem como traçar uma cronologia básica. A partir da terceira parte, temos uma história crítica do conto espanhol desde

o pós Guerra Civil, até manifestações recentíssimas (2015) do gênero. Na verdade, temos uma história da literatura espanhola do período, uma vez que os textos discutem as condições de produção dos relatos, suas relações tanto com a sociedade que os produziu quanto com a sociedade que é representada. Essas relações se ampliam com o fato de muitos dos cultivadores do gênero também se dedicarem a outros gêneros, especialmente narrativa ou poesia.

Essa produção, em suma, acaba contando a própria história da Espanha ao longo de praticamente todo o século XX e os anos já avançados neste século XXI. Da Ditadura de Primo de Rivera aos anos da crise instaurada em 2008, passando pela República, pela Guerra Civil, pela longa noite do franquismo, a redemocratização e a integração à União Europeia: de tudo isso trata o livro de Valls, ao ler e discutir os contos de trinta e sete autores a maioria dos quais nasceu no decorrer desse vasto e complexo século XX e que escreveram não apenas na Espanha, mas também no longo exílio de quase meio século que muitos tiveram que viver.

Essa história é contada de modo bastante organizado, cronologicamente a partir da terceira parte (p. 85-178). Essa parte trata do pós-guerra, na Espanha e no exílio, através da obra de oito escritores: Max Aub; José Hierro, Ignacio Aldecoa, Rafael Sánchez Ferlosio, Daniel Sueiro, Francisco Garcia Pavón, Juan García Hortelano e Antonio Pereira. A quarta parte se mantém no mesmo no período com estudos dedicados a três escritores considerados esquecidos (“*En recuerdo de lo olvidados*”): Arturo del Hoyo, Álvaro Fernández Suárez e Antonio Núñez. Trata-se do período em que o gênero entrou em crise, antes da chegada de novas energias assimiladas dos hispano-americanos.

A quinta parte, a mais longa do volume, ocupando praticamente a metade dele, trata do renascimento do gênero a partir dos anos oitenta. Com 24 textos, discute a obra, às vezes de modo panorâmico, às vezes trabalhando textos específicos, de treze autores (onze homens e duas mulheres). São eles: Juan Eduardo Zúñiga, Esther Tusquets, Javier Tomeo, Álvaro Pombo, Luis Mateo Díez, José María Merino, Juan Pedro Aparicio, Cristina Fernández Cubas, Juan José Millás, Enrique Vila-Matas, Javier Marías, Ignacio Martínez de Pisón e Juan Antonio Masoliver Ródenas.

À transição do milênio estão dedicados os quatro textos da sexta parte, apresentando três contistas: Juan Bonilla, Fernando Aramburu e Eloy Tizón. O livro se fecha com os novíssimos: escritores do século XXI. São seis textos dedicados a dez narradores: Cristina Grande, Cristina Cerrada, Pilar Adón, Irene Jiménez, Alberto Méndez, Ángel Zapata, Pablo Andrés Escapa, Montero Glez, Elvira Navarro e Marina Perezagua. É a única parte em que as mulheres ganham a partida, embora a metade dos textos trate de autores. O primeiro texto está dedicado às “*Voces femininas en la narrativa breve reciente: Cristina Grande, Cristina Cerrada, Pilar Adón, Irene Jiménez*” (p. 551-567).

O capítulo em questão, depois de fazer um breve balance da presença da autoria feminina no gênero, destacando uma série de antologias dedicadas a escritoras e outras em que a presença feminina é significativa, se dedica à obra dessas quatro escritoras, nascidas nos anos sessenta e setenta, que começaram a publicar já no novo milênio. Cada uma das escritoras tem alguns contos analisados, buscando estabelecer similitudes e recorrências.

Ao tentar apontar características dessa escritura feminina, Valls conclui se tratarem, “em geral, de histórias contemporâneas, urbanas, quase sempre sentimentais, realistas, que alternam relato e diálogo, escritas em um estilo enxuto, às vezes pouco elaborado, embora talvez seja o veículo mais adequado para o que pretendem contar” (p.566). O texto termina com uma lista de mais oito autoras como promessa do crescimento da presença feminina entre os autores de contos.

Apesar de que as mulheres sejam franca minoria entre os autores de contos de que trata o livro, a tendência das últimas décadas é que essa presença se amplie significativamente. Uma escritora, no entanto, conseguiu um importante espaço nesse contexto, tendo produzido uma extensa e significativa obra nas duas últimas décadas do século XX. Autora de vários livros, Cristina Fernández Cubas (1945) recebe uma deferência especial por parte do autor. Além do fato do título do livro sair do texto em que analisa um de seus contos, ela é o único autor de contos a ter cinco textos dedicados a sua obra, com quase cinquenta páginas (p. 375 423), que se dedicam a analisar diversos contos de vários de seus livros.

Ao contrário das escritoras mais recentes que parecem operar uma espécie de retorno ao realismo, Cristina Fernández Cubas constrói seus relatos, desde o aparecimento de seu primeiro livro em 1980, cujo surgimento é uma das marcas do que Valls considera o “renascimento do conto espanhol contemporâneo” (p. 376), criando um universo fantástico, enigmático e misterioso que algumas vezes chega a beirar o terror. Essa reserva de sombras múltiplas, incluindo as sombras do tempo e do próprio relato,

é uma projeção de impressões e lembranças, de outras vidas, sonhadas ou possíveis. Esse veio de relatos que arranca do próprio Poe e passa por Horacio Quiroga, entre outros, chega a Cristina Fernández Cubas, que por trinta e cinco anos, desde *Mi hermana Elba* (1980) até *La habitación de Nona* (2015) tem prendido a atenção de seus leitores, tendo merecido, ao mesmo tempo, a dedicação da crítica.

As palavras finais desta breve apresentação não poderiam ser outras senão a constatação de que os objetivos do livro são plenamente atingidos. O volume, em sua forma rizomática e variada, traça uma cartografia do conto espanhol contemporâneo das últimas sete décadas, trazendo diferentes possibilidades de leitura, que contribuem para mostrar que, apesar de sua complexidade e diversidade, trata-se de um gênero, que em termos gerais, goza de boa saúde, e causa interesse tanto do público leitor quanto da tanto da crítica especializada.